

TEMA 4: REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO, PERCEBIDO, IMAGINÁRIO E CONCEBIDO

4.1. MESA REDONDA

IMAGEM, IMAGINAÇÃO, IMAGINÁRIO E A REPRESENTAÇÃO DO VIVIDO, CONCEBIDO E DAS PRÁTICAS SOCIAIS

Profa. Dra. TOMOKO IYDA PAGANELLI
Faculdade de Educação/UFF - Niterói/RJ
tomoko@unisys.com.Br

Resumo: Lo trabajo traza retrospectivamente algunas discusiones hecha anteriormente sobre o tema y los referenciales. Levanta las contribuciones de Henri Lefebvre en la distincion entre el vivido, concebido y percebido, de Piaget sobre la imagen mentale y discute la question de la arte como imitacion y criacion en los niños apuntada por Gombrich.

Palavra chave: imagem, imagem mental, imagem conceitual.

I-Retomo retrospectivamente, algumas reflexão já iniciadas sobre representação do espaço vivido, concebido e das práticas sociais, para levantar a discussão sobre algumas noções ainda não claramente explicitadas.

Dois trabalhos, Livros dos Mapas-Território Waiapi (1992) e a Geografia do Programa de Educação Indígena do Acre (Resende e Gavazzi, 1992) permitiram retomar a discussão da relação “Cartografia e Cidadania” (1992)¹. Os desenhos e mapeamentos realizados pelos grupos indígenas davam a dimensão do domínio de conhecimento sobre um território apropriado e, ao mesmo tempo, levantavam a necessidade do domínio de um outro tipo de conhecimento, o **cartográfico**, para garantir uma demarcação justa, sem equívocos das terras indígenas. A relação espaço vivido, concebido através do cartográfico, as práticas sociais sobre território estavam presentes nas publicações, ricamente detalhadas. Novas publicações (1996) surgiram sobre os grupos indígenas; sobre vivido, as práticas sociais na floresta. As representações a partir do vivido desses grupos têm as delimitações territoriais do Estado, do Brasil e do Mundo corretamente demarcadas. Em que medida, o domínio de uma iniciação da leitura cartográfica reverteu em benefícios para estes grupos, na integração e defesa cultural como cidadão brasileiro? O desenvolvimento das pesquisas sobre a relação cartografia, cidadania dos diferentes grupos sociais poderão futuramente responder esta questão.

Nas reflexões sobre “Representação do espaço para o espaço da representação” (Rio Claro, 1995) retratei minha trajetória intelectual, a passagem de uma leitura piagetiana sobre construção do espaço na criança, não descartada, à leitura lefebvreviana sobre a produção do espaço. A distinção entre o espaço vivido, das representações aos espaços concebidos pela filosofia e pelas várias ciências, das práticas sociais sobre o espaço (o percebido) procedem desta leitura. A percepção das correntes psicológicas, o perceptivo de Piaget e o percebido das correntes da geografia humanista não correspondem ao percebido de Lefebvre; assim como, o papel da imagem, do figurativo, da imaginação e do imaginário

¹Seminário Internacional “Novo Mapa do Mundo” organizado pelo prof. Milton Santos USP/Departamento de Geografia., 1992.

assumem diferenciações nas interpretações das correntes e dos teóricos. Esta é também uma questão a considerar nos trabalhos sobre o tema da mesa.

A discussão sobre “Representações gráficas do espaço e Estruturação do conhecimento espacial” (Belo Horizonte, 1997) permitiu retomar e aprofundar a contribuição dos desenhos e mapeamentos figurativos não cartográficos, no desenvolvimento espacial dos alunos. Ao mesmo tempo, levantou a necessidade de buscar referenciais teóricos na análise de um **simbólico sócio-cultural**, da imaginação e imaginário infantil nas produções gráficas. Encontro na concepção da realidade como **textos sociais** e utilizo na análise dos desenhos de paisagem de alunos e licenciandos em 1998², o código tridimensional (paradigmático, sintagmático e simbólico) proposto por Lefebvre (na discussão com os estruturalista da época, 1966), abrindo a possibilidade para entendimento dos símbolos arcaicos presentes e constantes nos desenhos de crianças e adultos como as novas oposições, novas relações sociais e novos seus símbolos e signos dos dias atuais.

A discussão sobre a “Alfabetização Cartográfica” (S.Paulo, 1999) conduziu a situar no processo da alfabetização dos códigos sócio-culturais e a bifurcação da alfabetização da escrita alfabética, dos números e os desenhos, a partir das fases analisada por Smolka (1996). Embora, haja uma descontinuidade escolar na alfabetização gráfica e cartográfica, esta alfabetização gráfica e cartográfica encontra um forte apelo através do fascínio dos mapas no imaginário infantil e de alguns adultos. Santiago (O fascínio dos mapas, Jornal do Brasil, Idéias20/02/1999) analisando o personagem de Joseph Conrad em Heart of Darkness (O Coração nas trevas), identifica os significados dos mapas, ao longo da vida daquele personagem, uma lição para análise de contextos e do imaginário dos mapas e nos mapas.

Este Colóquio, ao propor discussão da representação do vivido, concebido, percebido e imaginário, permite retomar algumas reflexões sobre Cartografia nas series iniciais e levantar outras questões subjacentes que merecem ser aprofundadas: como o papel da imagem, (le fou de logis) associada a imaginação, o imaginário na construção e na representação do conhecimento sobre espaço vivido, concebido e das práticas sociais; precisar entre nós, professores de Geografia, as noções sobre a imitação, representação, imagem mental, imagem conceitual, mapa mental, imaginação e imaginário cuja abordagens provém de várias concepções e teorias. Esta poderá ser uma contribuição desta mesa, no momento em que a transversalidade e a pluralidade cultural são colocadas como objetivos nos currículos e nas ações da vida cotidiana.

II- Imagem, mental, imagem conceitual.

A imagem constitui uma das noções mais discutida por filósofos, epistemólogos, psicólogos, poetas, pintores e, atualmente pelos teóricos da comunicação. Os geógrafos aceitam que há imagens do espaço, do mundo, na paisagem. Sobre a cientificidade das imagens em relação aos conceitos é mais evidente, quando se contrapõe a noção de paisagem x geosistema na geografia física; ou entre os geógrafos positivistas (do observável), humanistas da geografia da percepção e as tendências marxistas (aparência x essência). A imagem faz parte do conhecimento do mundo, está hoje no nosso cotidiano exacerbadamente.

Minha discussão centra em três contribuições que podem auxiliar, a questão posta pela mesa sobre as representações do espaço (vivido, concebido, percebido) e seus produtos, as diferentes representações e linguagens, falas, escritas, desenhos, mapas mentais e o mapa.

²Paisagem: uma decifração do espaço-tempo social. Tese de doutoramento.USP/Geografia 1998.

Coloco em discussão a contribuição a partir da leitura sobre as reflexões de Lefebvre (1989) sobre as imagens, das pesquisas empíricas de Piaget sobre imagens mentais (1966) e das reflexões de Gombrich sobre a representação na obra de arte (1999), na tentativa de entendimento do papel das imagens, a partir de um filósofo, de um epistemólogo genético e um crítico de arte, uma tríade da filosofia, ciência, arte, que venho perseguindo desde a pesquisa sobre a paisagem, que atinge a cartografia, como uma das representações do espaço que utiliza diferentes tipos de imagens.

a- Imagem, conceito, conceito imagem³

Lefebvre em *La some et le reste* (1989) dedica um capítulo (VI) para analisar a Imagens, Conceitos, Conceitos-Imagens, em que situa a imagem em igualdade, dignidade e significação do conceito, cuja função é diferente e tem um plano diferente de análise. Situa a imagem no pensamento dialético, no quadro geral das mediações e das transições abandonadas (p.618). Para o filósofo, todas as categorias da filosofia passam das imagens, imagens-conceitos, a partir dos fluxos das aparências. Identifica três momentos nesta passagem. Transcrevo esses momentos para acompanhar o desenvolvimento, que nos é elucidativo para seguir momentos do vivido, concebido, das práticas sociais:

-o primeiro momento, em que tudo é aparência e fenômeno; em que toda aparência já é realidade a um certo nível sob um certo aspecto. A consciência espontânea situa-se no nível da aparência, ela reflete o jogo ilimitado da aparência e, não emerge fora da riqueza da vida natural e cósmica. A consciência é também variada, também fluida, também caótica, tão complexa como o mundo, como ela é sempre mediaticidade. Este tipo de consciência se situam entre o "primitivo", a criança, os adolescentes, nos sonhos e no poeta que o protege em camadas selecionadas.

-o segundo momento, em que toda aparência "é" já realidade a um certo nível sob um certo aspecto. Nada não se manifesta que não nasça de uma certa estabilidade no fluxo heraclítico do devenir objetivo. A instantaneidade não é que um limite impossível de atingir. A consciência reflexionante se situa em um certo nível; ela se estabiliza no nível da estabilidade, no e para o julgamento e o conceito. Ela se desprende com o risco de perder a multiplicidade da aparência, de sua variedade, de sua riqueza, de sua profundidade, de sua verdade, ela tende a negar para privilegiar o estável. A consciência conhece, age, ela coloca, supõe e cria as formas estáveis do conhecimento (lógica, abstração, sistematização, categorias). Já estamos no mundo do concebido que pode adquirir a forma geométrica, matemática, as teorias sobre o espaço físico-natural e social

-o terceiro momento: um conflito se produz inevitavelmente, entre os aspectos e o nível de consciência, a consciência reflexionante tende a reduzir, a reter a espontaneidade, "a colocar entre parênteses" os fenômenos e o fluxo heraclítico. Ela quer estabilizar no estável e no abstrato. A consciência sofre. O conhecimento é doloroso por que por essência ela se erige acima da diversidade do mundo, na abstração, no sólido, entretanto ela treme pela dúvida ou ironia para encontrar o poder do negativo e reconhecer neste negativo (sua essencial relatividade ainda que, sua disciplina orienta para a proclamação do seu absoluto descartado)....

³ Segundo Lefebvre, os filósofos optaram entre a imagem e o conceito: os clássicos se pronunciaram pelo conceito contra a imagem e o imaginário: os modernos se colocaram contra a primazia do conceito, e o substituíram por diversos termos como julgamento, consciência individual ou coletiva, consciência de classe etc; outros atribuíram a imagem e imaginação a prioridade que antes atribuíram ao conceito, como em Shelling (imagem mítica), Nietzsche, os surrealistas (imagem absoluta), românticos cosmológicos do final do século XIX, Sartre atribuindo a imagem um privilégio transcendental (1989, p.617). Minha pequena homenagem a este pensador, que completaria no mês de junho 100 anos, que iluminou minhas reflexões atuais sobre o pensamento dialético, sobre a Produção do espaço (1974), sobre a Consciência Mistificada (1936) e a Teoria das representações (1980).

A vida da consciência apresenta então zonas de claro-escuro e de semi-tintas, semi-sensível, semi-sonhos, os mais sedutores, aquele do charme. Nesta região da imaginação, de sonhos, a consciência reencontra-se sem limites, entretanto, os limites desse domínio se distingue de fora. Ela aí é desarmada, fugidia se reconhece na sua fuga. Neste nível, nesta região, a consciência humana desarmada pode às vezes se procurar armas, inventa signos, símbolos, a meio caminho da forma abstrata estável e do signo de significação correta. É uma zona singular (alienante si a consciência aí se perde, enriquecendo pode situar-se entrar e sair a segundo sua conveniência, "da imagem-conceito". O sonhador pode se prender nesta região por seu mundo ou pelo mundo, a consciência está presente pela sua inserção (subjetiva) no mundo (objetivo) Como nas antigas cosmogonias dos eóns (forças eternas de um Ser supremo) a percorrem, as imagens que se dissolvem no informe ou montam atrás da claridade, antes de se perder na abstração, atravessam o estágio das belas formas. Semi-vida, semi-sonhos este pertence ao fluido, semi-vivido, semi-pensado, aquele da ambigüidade, mas onde a ambigüidade se dissolvem. É estágio da dissonância e de suas soluções ensaiadas. Ele tem uma idade, uma data, se bem que não reservada a esta idade. Quanto ao desdobramento ilimitado da aparência, ele retorna no nível mais elevado. Atravessa as zonas da consolidação mais abstrata e pela pratica. O poeta bebe esta fonte. Ele freqüente os pontos de ressurgimento do imediato no deserto do essencial da aparência se desdobra em poesia, na arte e singularmente na arte teatral. Retoma ao nível das formas estáveis e de técnica de expressão, se nomeia alternativamente de linguagem teatral e coloca em cena. Ela reaparece em tudo onde há jogo, sedução, persuasão, virtuosismo verbal e sensorial. A este nível sintético, o conhecimento domina o desdobramento da aparência que a penetra sem o importar. A aparência atravessa o deserto da essência, adquirir a forma guardando sua luz, explode no domínio da arte. No imediato, reencontra e metamorfoseada, a aparência torna por sua vez domesticada, fundada (presa, fechada nas totalidades estáveis) e prodigiosamente liberada, descarnada, o domínio da imagem e das tensões luminosas do imaginário. (p.626).

Lefebvre fecha o capítulo com duas afirmações que podemos refletir:

-Le vivre aisin, déborde o vécu, le vécu étant son essence réelle (O viver, assim, transborda o vivido, o vivido sendo sua essência real).

-Toutes les catégories de la philophie ont passé par plusieurs stades: images, images-concepts, le concept. A ce dernier stade, elles s'épuisent ou bien se retrempent par le contact avec le premier moment pour une course nouvelle (Todas as categorias da filosofia passam por muitas estágios: imagens, imagens-conceitos, o conceito. Neste último estágio, elas

se usam ou bem se retomam as forças em contacto com os primeiros momentos para um curso novo).

Este texto permite refletir sobre a relação entre o vivido, concebido e percebido (das práticas sociais) em Lefebvre, que não é estática e linear, é conflituosa, sempre dialética inserida numa prática social de um processo histórico. A relação é complexa e exige cautela nas afirmações, lembrando sempre que, a vida transborda o vivido e o concebido. A relação da imagem, aparência e consciência (conhecimento) e imaginação e imaginário nas reflexões de Lefebvre se desdobra em movimentos, se expressa em momentos, nas artes como nas abstrações da ciência, da filosofia tem seu poder de sedução. O imaginário mítico, popular como da sociedade urbano-industrial tem suas imagens sedutoras, seus mitos e seus deuses, sua arte. As representações gráficas como cartográficas a seu modo, constroem imagens-conceitos do mundo e sobre o mundo, que nós professores de Geografia trabalhamos e transmitidos, consciente ou inconscientemente.

b- Imagens Mentais⁴

Piaget e Inhelder escreveram dois livros onde analisam as imagens mentais: *L'image mentale chez l'enfant* (1966) e sua continuação o *Memoire et intelligence* (1968) e outros escritos e livros anteriores em que menciona a noção de imagem mental.

No primeiro livro, os autores analisam as "imagens reprodutoras estáticas e cinéticas e as antecipadoras cinéticas e de transformação, imediatas e diferidas" As experiências abarcam da reprodução simples gestual ou gráfica de uma reta a imagem espacial e "intuição geométrica. Algumas dessas experiências interessam mais aos matemáticos que nós geógrafos. O livro na introdução apontam dois falhas, um em relação ao desenho espontâneo, outro em todas condutas situadas a margem da inteligência no sentido estrito, isto é da solução dos problemas. Justifica mencionando que não foi da "a imaginação criativa" da infância o objeto do livro, um magnífico objeto que resta explorar, mas sim e unicamente, a representação imaginada nas relações com o funcionamento da inteligência. A questão levantada pelo livro é a imagem constitui ou não fonte das operações intelectuais, e se não, quais os gêneros de facilitação e obstáculos que ela provoca sobre seus caminhos. A pesquisa é uma continuação dos estudos perceptivos e de maneira geral entre os aspectos figurativos e operativos da função cognitivas no domínio visual e às vezes tátil-cinestésicos. No livro Inventário de Jean Piaget (1981), há descrição de muitos experimentos e seus resultados (p.481-561).

O livro Memória e Inteligência é um prolongamento do primeiro, salienta através do primeiro livro, que percebeu que em certos casos, a ação favorece, mais do que consegue a percepção, a formalização e a conservação da imagem, levanta o problema da memória. O problema estudado é a questão dos aspectos operativos do pensamento, o que faz com que o leitor se interessa em memória enquanto tal, fique um pouco aquém daquilo que esperava, palavras textuais dos autores. Os experimentos no livro acima mencionado vai da pág.563 a 628.

Aqueles que dedicam as pesquisas sobre estes temas é interessante conhecer os experimentos; possuem uma base empírica para embasar suas afirmações sobre imagem mental, memória, aspectos figurativos e operativos dessas funções. Uma discussão entre as noções de imagem mental piagetiana e a noção de mapa mental da psicologia americana enriqueceria e dissolveria alguns impasses teóricos e metodológicos.

c- Imagem conceitual.

Esta noção foi retirei, lendo um artigo que dá o nome ao livro de Gombrich (1999.Edusp), *Meditações sobre um cavalinho de pau*. Chamou atenção por se tratar de um brinquedo de criança escrito por um conceituado crítico de arte. Encontro neste artigo as questões sobre o jogo simbólico, a discussão sobre o problema da imitação da arte e a análise sobre o problema de criação do artista face aos objetos do mundo, pintados ou esculpidos. A noção de imagem conceitual pode nos ajudar a analisar, a relação da criança com os objetos e do artista e suas obras. A discussão apresentada por Gombrich é a seguinte:

O que é o cavalinho de pau? Uma imagem de cavalo? Imagem, segundo Pocket Oxford Dicionary define como "imitação de uma forma exterior de um objeto", a forma exterior de um cavalo não é imitada no cavalinho. A forma exterior é um resquício da

⁴ Piaget em Formação do Símbolo na criança (1970, ed. bras.) analisa o desenvolvimento do simbólico através dos jogos e, acompanha o desenvolvimento de um de seus filhos na criação do país das Três balas, Quatro balas até aproximar-se ao mapa da Suíça. Acompanhei a criação do "país da Loucândia" de um dos meus filho entre 7^a 9 anos. Nestes mapas, o desejo, o proibido pode se expressar livremente e criativamente. Neste sentido também o mapa do "país Elefante" dos alunos da um quarta serie do ensino fundamental (10 anos), em que os símbolos das divisões interna utilizavam somente brinquedos e doces fazem parte de um imaginário infantil, de um país de utopias e desejos. Marcam uma transição entre o figurativo e o cartográfico..

tradição filosófica grega que dominou a linguagem estética. O Dictionary registra uma outra palavra que talvez seja mais apropriada: representação. Representar pode ser usada no sentido de "invocar mediante descrição ou retrato ou imaginação, figurar, simular na mente ou pelos sentidos, servir de ou ser tido por aparência de, estar para, ser espécime de, ocupar o lugar de, ser substituto de. O retrato de cavalo? Certamente que não. O substituto do cavalo? Sim, é isso. Talvez haja nessa formula mais do que olho pode ver.

Gombrich através do cavalinho de pau procura ver os fantasmas que obsedam o jargão da crítica de arte. Como por exemplo, na definição da imagem implica que o artista "imita" uma forma exterior do objeto e o espectador reconhece por essa "forma" o "assunto" da obra de arte. Esta é uma concepção tradicional de representação, segundo o crítico e, é o corolário é que a obra de arte ou é uma cópia fiel, na verdade uma réplica, do objeto representado ou envolver algum grau de abstração. Lemos que o artista abstrai "a forma" do objeto que ele vê O escultor abstrai a forma tridimensional e abstrai a cor. O pintor abstrai contornos e cores e a terceira dimensão. Ouve-se dizer que a linha do desenhista constitui um tremendo feito de "abstração", porque não ocorre na natureza. Finalmente que o rotulo de a arte aposto à criação de formas " puras" traz implicações semelhantes. Basta olhar para o cavalinho de pau para perceber que a própria idéia de abstração enquanto ato mental complexo nos lança em curiosos absurdos como a piada do bêbado que cumprimentava o poste, e a bebida tenha aguçada o poder de abstração do bêbado fazendo isolar a verticalidade do poste e da figura humana? Nossa mente, segundo o crítico, age mais diferenciação que por generalização, a criança antes de aprender distinguir espécies e "formas, chamará durante muito tempo de "au-au" todo os quadrúpedes de determinado

Lembrando ainda, o problema dos universais aplicado a arte, Gombrich discute a aplicação dessa formulação clássica das teóricas platônicas entre acadêmicos ingleses como Reynolds, pintor de história, que pinta o homem genérico e o pintor de retrato pinta o homem particular, portanto o modelo defeituoso. Tal pintura segundo o crítico, não pinta um homem dado, mas uma classe de homem. A lógica de Reynold deveria apresentar a idéia mais genérica de "cavalidade". No entanto, continua, a criança dá a uma vara o nome de cavalo. A vara, não é o signo que representa o conceito de cavalo, nem retrato de um cavalo individual. Por sua capacidade de servir de "substituto", a vara torna-se um cavalo por si mesma, pertence a classe dos "au-au" e talvez faça por merecer até um nome próprio⁵.

Gombrich lembra ainda que se tornou familiar aceitar que a arte é mais criação que imitação. Para Leonardo da Vinci, o pintor é o senhor de todas coisas e Klee, ambicionava criar do mesmo modo que a natureza faz mas, segundo Gombrich, as implicações metafísicas desaparecem quando trocamos a arte por brinquedos: a criança "faz" o trem ou com alguns blocos ou com o lápis e papel.

Penso, que nós, professores de geografia, avançamos ampliando nossas discussões sobre as representações gráficas e cartográficas entre as crianças e escolares, sobre as noções e conceitos levantados por esta mesa, PERMITINDO RECUPERAR TRAJETÓRIAS PESSOAIS, DA filosofia, ciência e arte sobre o assunto e das práticas sociais do nosso cotidiano atual.

Bibliografia

- Colóquios de Cartografia para Crianças I (1995), II (1997), III (1997).

⁵O quadro de Debret (1827) "O primeiro impulso da virtude guerreira" (Museu Chácara do Céu, Rio de Janeiro), um dos pintores da Missão Francesa, retrata com certa ironia em paralelo, os meninos pobres, negros e descalços em seus cavalos (varas)" imitando " o desfile da Cavalaria Imperial no campo de S. Cristóvão, é ilustrativa.

- GOMBRICH, E.H. *Meditações sobre um Cavalinho de Pau ou as Raízes da Forma Artística in* Meditações sobre um cavalinho de pau.e outros ensaios sobre teoria da arte.S.Paulo.Edusp.1999.p.1 –11
- .LEFEBVRE, Henri. *Imagens, concepts, Concepts-images in* La some et le reste.Paris. MERIDIENS Klincksiech,1989.chapitreVI, p.617-627
- PIAGET, J e Inhelder, BARBEL. *L'image mental chez l'enfant*. Paris. PUF. 1966. 1ed
-._____.*Memória e Inteligência*.Rio de Janeiro.
ARTENOVA.Coed.Universidade de Brasília,1979.
- OCDE (Organization of Cooperation et Development Économique).*Inventário de Piaget*.Lisboa. Estampa, 1981.

REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO, PERCEBIDO, IMAGINÁRIO E CONCEBIDO

ÂNGELA MASSUMI KATUTA

Professora de Prática de Ensino - Universidade Estadual de Londrina/PR
Doutoranda em Geografia pela Universidade de São Paulo
katuta@geo.uel.br

"A habilidade para se construir uma teoria do mundo e para se prever a partir desta pode ser inata, mas os conteúdos reais da teoria, os detalhes específicos subjacentes à ordem e estrutura com a qual percebemos o mundo, não nos acompanham desde o nascimento. Mas igualmente óbvio, muito pouco de nossa teoria pode ser atribuído à instrução. Somente uma pequena parte do que conhecemos nos é, na verdade, ensinado. Os professores e outros adultos recebem demasiado crédito por aquilo que aprendemos enquanto crianças". (Frank Smith, 1991, p. 217)

As representações do espaço vivido, percebido, imaginado e concebido são expressões de diferentes modos de pensar e portanto, viver, perceber, imaginar e conceber os diversos territórios que fazem parte de nossa vida cotidiana. Essas, podem ser explicitadas a partir de diferentes linguagens como a artística (nas suas diferentes modalidades), a escrita, oral, gráfica, cartográfica entre outras.

A humanidade desde os seus primórdios, segundo consta em vários documentos, sempre representou seu espaço vivido. Por isso, ao longo da construção histórica do que hoje denominamos, grosso modo, por representações cartográficas, verificamos várias tentativas de se representar saberes sobre os territórios. Podemos afirmar portanto que, tais representações explicitavam e explicitam os entendimentos das diferentes sociedades e sujeitos acerca dos espaços. Esses, ao nosso ver, foram e são construídos a partir das dimensões do vivido, percebido, imaginado e concebido, é claro que não necessariamente nessa ordem.

O trabalho pedagógico com as representações dos territórios e portanto, com as diferentes linguagens, dentre elas a cartográfica, se faz necessário no ensino de geografia pois essa é a área de conhecimento que poderá proporcionar ao estudante a elaboração de saberes sobre os lugares onde ele e outros sujeitos sociais vivem.

Para tanto, se faz necessário que ocorra na escola, a construção de entendimentos sobre os territórios que devem estar baseados nos conhecimentos de senso comum, artísticos e científicos. Para se trabalhar na perspectiva acima esboçada, é preciso que se aprenda e compreenda as representações discentes acerca do seu espaço que, por sua vez, constituem-se em expressões individuais e, ao mesmo tempo, coletivas, de diversos